

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Joselaine Kaheler Reis

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA HUMANIDADE:
TRADUÇÃO DE UM TEXTO DE NINIAN SMART**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Erico Huff Júnior.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Joselaine Kaheler Reis**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373528A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA HUMANIDADE: TRADUÇÃO DE UM TEXTO DE NINIAN SMART**, desenvolvido durante o período de 06 de agosto a 28 de novembro sob a orientação de Dr. Amaldo Erico Huff Júnior, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Joselaine Kaheler Reis

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA HUMANIDADE: TRADUÇÃO DE UM TEXTO DE NINIAN SMART

Joselaine Kaheler Reis¹

RESUMO

Smart analisa a experiência religiosa humana, abordando desde a natureza da religião, seus principais aspectos e tipos de fé existentes na história, especificamente direcionada às consideradas grandes religiões do mundo até induzir a proposta de considerar, a religião, possuidora de dimensões que a define. Seu objetivo é descrever os fenômenos da religião, buscando a compreensão desse fenômeno. O autor afirma que é fundamental o entendimento das ideologias e crenças das nações, e compreender a religião para se chegar ao entendimento da história da humanidade. Quanto à religião, por ser um fenômeno complexo, considera-se seus significados internos e externos que são gerados pelos símbolos e, a religião não se limitando a esses significados, porém abrange-os mais profundamente, principalmente penetrando no sentido que é proporcionado aqueles que estiverem envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência Religiosa. Religião. Ideologias. Crenças.

1. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA HUMANIDADE

Ao longo da história e para além dela, nos desconhecidos recônditos das mais antigas culturas da humanidade, a religião tem sido um fator vital e pervasivo da vida humana. Para compreender a história e a vida humana é necessário compreender a religião e, no mundo contemporâneo, deve-se entender as ideologias e a fé das outras nações, a fim de compreender o significado da vida como vista a partir de perspectivas frequentemente muito diferentes da nossa.

Mas a religião não é algo que se possa ver. É verdade que há templos, cerimônias e arte religiosa. Estes podem ser vistos, mas seu significado precisa ser acessado através da vida interior daqueles que utilizam tais exterioridades. Considere a cerimônia de batizar um bebê. Só poderemos compreendê-la quando entendemos o que o batismo significa para os cristãos e conheçamos as esperanças e significados daqueles que dela participam na ocasião. Assim, precisamos perceber o modo como são fundidos as exterioridades e os sentidos internos da religião. É por isso que a história das religiões deve ser mais que a cronologia dos eventos: ela deve ser uma tentativa de adentrar os sentidos destes eventos. Não nos é suficiente, portanto, pesquisar o curso que tem tomado a história religiosa da humanidade: precisamos também penetrar nos corações e mentes daqueles que estiveram envolvidos nesta história.

A religião é um fenômeno ao mesmo tempo rico e complexo. Não apenas tem a complexidade que a necessidade de aproximar seus aspectos internos e externos indica, mas sempre existiu e ainda existe em uma variedade de formas de fé. Há muitas religiões a serem descobertas no mundo. O estudo delas é uma tarefa estimulante e fascinante, não somente porque tal variedade é um testemunho da riqueza do senso religioso e da imaginação da humanidade e, frequentemente – mesmo que nem sempre o seja – da nobreza do espírito humano, mas também porque dá lugar a algumas questões profundamente importantes acerca da verdade da religião.

Porém, seria imprudente fazer afirmações sobre a natureza e a ciência da religião sem entender algumas peculiaridades sobre o estado atual das ciências, juntos com a metodologia e a história não seriam suficientes para especular a verdade dos fatos e significados. Então, o objetivo deste estudo é tentar transferir os fatos que referem-se à metodologia e a história às experiências daqueles que são adeptos à religião. A intenção é descrever em vez de julgar ou argumentar por uma determinada fé ou pela verdade de uma ou nenhuma delas. O resultado esperado é que o leitor esteja apto para analisar sabiamente a verdade religiosa.

A descrição da religião e sua história poderiam ser compreendidas em certo sentido, como um empreendimento, por isso, faz-se necessário olhar para estes fatos de forma desapassionada e objetiva. Obviamente, como foi visto parcialmente, o conhecimento empírico é inato e provém de experiências individuais. Seria tolo pensarmos que ser "objetivo" significa apenas olhar para os templos, igrejas e comportamento

Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: josikaheler@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Erico Huff Júnior.

exterior. Devemos penetrar além do que é observável. Como poderíamos fazer um relato adequado do apostolado Paulo sem se referir à sua experiência aterradora na estrada de Damasco? Tal experiência não foi observada por outros, embora o comportamento exterior de Paulo tenha sido. Mas, apesar das dificuldades apresentadas na apreensão completa do conteúdo e da qualidade das formas de experiência religiosa profética, mística ou de outras formas de experiência religiosa, há um sentido em que podemos lidar objetivamente com elas. Ou seja, podemos descrever estes acontecimentos e significados interiores como sem preconceito e com compreensão simpática. Assim, o estudo das religiões é uma ciência que requer um coração sensível e artístico.

É exatamente porque a religião tem um impacto profundo nas crenças e emoções humanas que as pessoas, ditas religiosas, frequentemente demonstram dificuldades em ser objetivas e desapaixonadas com relação a fé do outro. Os agnósticos que romperam, violentamente com a religião, frequentemente têm dificuldade em ser objetivo sobre isto. É visto que a religião implica um comprometimento e que sem esta crença não se pode ter um real entendimento de uma fé; então, é impossível apreender uma fé sem que o qual não esteja comprometido.

Esta conclusão é um exagero perigoso. Um notável estudo comparativo da religião realizado nos últimos cem anos - e isso implica que algumas pessoas são de outras: Além disso, o diálogo entre os adeptos de diferentes religiões vem crescendo nos últimos tempos. É certo que existam alguns trabalhos realizados por estudantes da área que divergem dessa teoria, mas, bem sabemos que o exagero religioso pode "cegar" uma pessoa com relação às virtudes de outras crenças além da própria. Outrossim, é uma tese perigosa já que é preciso esforçar-se simpaticamente para tentar compreender outras religiões.

É imprescindível para a nossa pesquisa nos atermos tanto ao espaço, quanto ao tempo. Cada religião é como um organismo em crescimento, assim, é necessário compreender como as diferentes religiões, como o Cristianismo e o Budismo, suas partes são vistas em relação ao outro e como são compreendidas a partir do momento de sua criação, assim, não podemos entender a cristandade sem conhecer as circunstâncias do seu nascimento, há mais de dois mil anos.

Neste sentido, o estudo das religiões deve basear-se a partir de um componente histórico. Pesquisas diacrônicas mostram que algumas religiões diminuíram ou desapareceram e, algumas delas, apesar de muito importantes, foram negligenciadas no relato da experiência religiosa da humanidade. Assim, o zoroastrismo, embora agora praticado por um pequeno número de pessoas – pársis indianas - era uma crença poderosa e crescente que se apoiava em profundas intuições sobre a natureza do bem e do mal.

Isso será também uma relevante descoberta sobre as origens da religião no período da Pré-história, embora haja uma escassez relativa aos vestígios arqueológicos e a ausência de registros escritos que possam significar que qualquer conclusão deve ser entendida como tentativas. Alguns tentaram explicar a religião pré-histórica a partir do que passa entre povos tecnologicamente primitivos. A suposição é que o povo que vive hoje, ou até muito recentemente, exibirá algumas das características religiosas dos homens do período da Idade da Pedra. Portanto, é conveniente tratar as religiões dos povos não letrados igualmente, sejam eles pré-históricos ou contemporâneos.

Naturalmente a maioria dos povos irá interessar nas religiões da vida, conhecidas como as "religiões do mundo" chamadas de: o Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo e o Confucionismo. O Taoísmo na China, o Xintoísmo no Japão, as religiões Jain e Sikhs na Índia, juntos com as ramificações modernas do cristianismo no Ocidente, como os Santos dos Últimos Dias são também importantes. Mas, embora algumas dessas religiões, e especialmente o Cristianismo, o Budismo e o Hinduísmo continuem a ter centenas de milhões de adeptos, novas forças competem com eles pela lealdade dos homens.

Nos países ocidentais, houve um crescimento considerável no agnosticismo nos últimos cem anos, e isso pode ser compreendido no foco da ética que centraliza o bem-estar humano, enquanto rejeita o sobrenatural. Em suma, propõe o humanismo como uma alternativa a cristandade. Durante o mesmo período, um novo credo metafísico tem suscitado uma política surpreendente - o Marxismo. Nos países orientais e também no Ocidente de onde teve sua origem, o Marxismo revela-se um rival da religião tradicional.

Esses dois novos movimentos cumprem muitos dos papéis desempenhados pela religião. Isto é, especialmente verdadeiro para o Marxismo, a saber: um conjunto de doutrinas para explicar a total realidade que consiste numa política para realizar um futuro "paraíso na terra" e isso vem crescendo na sua própria forma de público cerimonial e assim por diante. Por conseguinte, seria errado descrever a experiência religiosa da humanidade sem compreender esses novos rivais da religião. Mas tanto o Marxismo quanto o Humanismo, apesar de apresentarem características religiosas, são explicitamente opostos às religiões. O Marxismo, na prática, mostra-se um perseguidor dos religiosos. Isso suscita um problema sobre a definição de religião. Se considerarmos os papéis sociais e intelectuais desempenhados pelo Marxismo - sua tentativa de propor uma

nova ética social e uma visão da realidade como um todo - há motivos para apresentá-la como uma nova religião. Se, por outro lado, olharmos isso como uma rejeição do sobrenatural, a falta de interesse com o mundo invisível, e seu repúdio da revelação e da experiência mística, somos induzidos a dizer que isso não é uma religião. Pois são por essas e outras coisas que fundam o Cristianismo, o Budismo e outros sistemas que chamamos de "religiões"?

1.1 AS DIMENSÕES DA RELIGIÃO

O problema aparece porque existem diversos aspectos no que tange as dimensões da religião. Se incluirmos o Marxismo como uma religião, e portanto proporcionar sua inclusão, dependerá de qual dimensão consideramos crucial para a nossa definição. Por conseguinte, será relevante analisar estas várias dimensões.

1.1.1 A dimensão ritual

Se nós fôssemos perguntados sobre a função e o uso de construção dos templos e igrejas, nós estaríamos equivocados ao dizer que eles eram usados como local de rituais ou fins cerimoniais. A religião tende, em parte, expressar ela mesma por meio de rituais: adoração, orações, oferendas, entre outros. Isso, nós chamamos de dimensão ritual da religião. Sobre isto, é de fundamental importância os seguintes comentários.

Primeiro, quando pensamos em um ritual, pensamos em algo muito formal e elaborado, como uma Missa ou a Liturgia da Igreja Oriental Ortodoxa. Mas, é plausível considerar que até a forma mais trivial do serviço religioso engloba o ritual, ainda que seja uma forma de comportamento externo (como fechar os olhos na oração) com a intenção de relacionar-se espiritualmente com o mundo invisível. Qualquer preocupação com aqueles que negam a existência de um "mundo invisível ou, por vezes, desconhecido", embora interpretado como a presença de Deus, como nirvana, como impregnar-se de uma energia natural. Indiferente de existir ou não um mundo invisível, isso forma um aspecto misterioso de um ponto de vista dos quais participam da religião. Isso é o que acreditam. Como já dito, nossa tarefa não é julgar a verdade ou as concepções religiosas. Então, até a cerimônia mais simples envolve o ritual.

Segundo, entendendo que o ritual envolve um aspecto interno e externo, é aceitável que este venha dominar aquele. O ritual acontece dentro de um processo mecânico ou convencional. Se as pessoas passam pelo movimento de observação religiosa sem associar isso com as intenções e significados os quais trazem sentido ao homem, o ritual será uma concha vazia. Isso é a razão pela qual algumas manifestações religiosas são condenadas como "ritualistas". Mas, seria inadequado concluir que o ritual tenha um sentido negativo, assim, o ritual seria um degenerado ou não importante aspecto da religião.

Não podemos esquecer que existem rituais seculares que todos usamos, e estes podem formar uma parte integrante das relações pessoais e sociais. Saudando alguém com um "Bom dia", dizendo adeus, reverenciando a bandeira - todas essas diferentes maneiras são rituais seculares. Frequentemente, na sociedade, eles são integrados aos rituais religiosos, como quando os homens dizem "Deus esteja com você", o que é mais do que despedir-se de alguém: está invocando uma bênção sobre outra pessoa.

Terceiro, será conveniente ampliar o significado de "ritual" para além da sua referência às formas de adoração, sacrifício e assim por diante, dirigidas à Deus ou aos deuses.

Acontece que, uma considerável parte da Índia apresenta rituais de yoga a partir de técnicas de auto-treinamento. O objetivo final de tais métodos é a obtenção de estados mais elevados da consciência, através dos quais o adepto tem experiência de liberar a partir da existência mundana, do nirvana, da atual realidade (parte da interpretação depende do sistema de doutrina que o adepto testa pela própria experiência). Assim, a essência de tal religião é contemplativa ou mística. Nem sempre tem referência a Deus ou aos deuses - por exemplo, no Budismo, no qual rituais de uma religião de culto e sacrifício são considerados amplamente irrelevantes para a busca do nirvana. No entanto, as técnicas de auto-treinamento têm uma analogia com o ritual: os adeptos realizam vários exercícios físicos e mentais através dos quais ele espera concentrar no transcendente, mundo invisível, ou retirar os sentidos da sua imersão usual e fluir experiências empíricas. Este aspecto da religião, então, devemos incluir na nossa definição da dimensão ritual. Isto pode ser classificado como pragmático (visando à realização de certas experiências) na distinção do ritual sagrado (direcionado para um ser santo, como Deus). Às vezes, as duas formas de ritual são combinadas, como no misticismo cristão.

O significado do ritual não pode ser entendido sem referência ao ambiente de crença em que este é executado. Assim, a oração na maioria dos rituais é dirigida para um ser divino. Frequentemente, as lendas sobre os deuses são usadas para explicar as características de uma cerimônia ou festival; e, muitas vezes, os

eventos importantes da vida humana, como o nascimento, o casamento e a morte, são investidos de um significado sagrado ao relacioná-los com o mundo divino.

Tudo isso pode acontecer antes que uma religião tenha qualquer teologia ou sistema formal de doutrinas. Teologia é uma tentativa de introduzir uma organização e um poder intelectual em uma forma menos explícita no depósito da revelação ou da mitologia tradicional de uma religião. A diversidade de mitos, imagens e histórias através das quais o mundo invisível é simbolizado pode ser adequadamente chamada de dimensão mitológica da religião.

1.1.2 A dimensão mitológica

Alguns comentários importantes precisam ser abordados sobre essa dimensão mitológica. Talvez no inglês ordinário dizer "É um mito" é apenas uma maneira de dizer "É falso".

Primeiro, em acordo com o moderno usado na tecnologia e o estudo comparativo da religião, os termos "mito", "mitológico" etc. não foram usados para significar que o teor é falso. Talvez a verdade ou falsidade de uma história mito em relação aos fenômenos religiosos é bastante consagrada ao mito. Originalmente, "mito" significa "história" e ao nomear como tal não estamos dizendo que ela é verdadeira ou falsa. Estamos apenas reportando o que vem sendo mencionado. Da mesma forma, aqui estamos preocupados em relatar o que se acredita.

Segundo, é conveniente usar o termo para incluir apenas histórias sobre Deus (por exemplo, a história da criação em Gênesis), sobre os deuses (por exemplo, na *Iliada* de Homero) e etc., mas também os eventos históricos de significado religioso em uma tradição. Por exemplo, o ritual da Páscoa no Judaísmo refere-se a um evento altamente importante que já ocorreu ao povo de Israel; eles entregam a escravidão no Egito. Neste caso o evento histórico funciona como um mito.

Assim, devemos incluir tais histórias relacionadas a eventos históricos significantes sob a direção da dimensão mitológica - novamente, sem julgar se a descrição ocorrida na história é verdadeira..

1.1.3 A dimensão doutrinal

Terceiro, não é sempre fácil distinguir o mitológico ou o simbólico do que é estabelecido na teologia. Doutrinas são tentativas de trazer clareza e credibilidade para o que é revelado pela linguagem mitológica e simbólica das crenças e ritos religiosos. Naturalmente, teologia deve fazer uso dos símbolos e mitos. Por exemplo, quando a teologia cristã descreve a significação da encarnação, ela deve necessariamente usar a linguagem bíblica e histórica. Assim, a linha divisória entre o mitológico e o que eu chamarei de dimensão da doutrina não é fácil de descrever.

1.1.4 A dimensão ética

No decorrer da história, percebemos que as religiões geralmente incorporam um código ético. A ética diz respeito ao comportamento do indivíduo e estende-se, e é este código da religião dominante que controla a comunidade. Obviamente, as pessoas nem sempre cumprem os padrões que professam. E, algumas vezes, os padrões que são induzidos pela fé dominante em uma sociedade particular talvez não são pensados por todas as partes dessa mesma sociedade.

Ainda assim, podem não há dúvida de que a religião vem moldando as atitudes éticas da sociedade na qual eles fazem parte. É importante, porém, distinguir entre o ensinamento moral incorporado às doutrinas e a mitologia da religião e os fatos sociais que aderem à fé em questão. Por exemplo, o Cristianismo ensina ser acreditados por todas as seções dessa mesma sociedade. Por exemplo, o cristianismo ensina "Ame o outro como a si mesmo". Assim como na sociologia, nos países cristãos, onde o Cristianismo é a religião dominante fracassam neste propósito. O homem que vai à igreja não é necessariamente amável; nem o homem que vai ao templo budista é necessariamente compassivo. Consequentemente, nós devemos distinguir entre os ensinamentos religiosos de uma crença, assim como discutir a dimensão ética da religião e como a sociologia moderna afeta e protege esta.

Neste ponto, é pertinente considerarmos que a maioria das religiões são institucionalizadas. Isso é mais óbvio nas sociedades tecnologicamente primitivas, onde o sacerdote, profético ou mediador, está intimamente integrado na estrutura social. Religião não é apenas uma questão pessoal aqui: faz parte da vida na comunidade. Inserida nas instituições do cotidiano. Mas mesmo em comunidades sofisticadas onde uma linha é

traçada entre religião e preocupações seculares, como na América contemporânea, igrejas existem como instituições a serem comprovadas. Elas fazem parte do "estabelecimento". Em áreas onde há uma ativa ou latente perseguição da fé religiosa, como na União Soviética.

1.1.5 A dimensão social

Religiões não são somente sistemas de crenças: eles também são organizações ou parte delas. Elas têm uma comunal e significância social. Essa forma social de uma religião é, naturalmente, até certo ponto, determinado pelos ideais, práticas religiosas e éticas que a abriga. Por outro lado, muitas vezes acontece que os ideais religiosos e éticos adaptam-se às condições e atitudes sociais existentes. Por exemplo, os pescadores Japoneses reconciliam a injunção budista contra a vida (mesmo a vida animal ou de peixe) para a atividade como pescadores. A dedicação do cristão ao amor fraterno ou a atitude em relação à guerra pode ser determinada mais pelo patriotismo e pela crise nacional do que pelo Evangelho. Assim, é importante distinguir entre a dimensão ética da religião e a dimensão social. O último é o modo na qual a religião em questão é institucionalizada, pelo que, através de suas instituições e ensinamentos, isso afeta a comunidade.

O doutrinário mundo visível e seus objetivos sobre a forma como a vida das pessoas deve ser moldada: a dimensão social mitológica e as dimensões éticas expressam a reivindicação de uma religião sobre a qual a natureza de certo modo determina a maneira como a vida das pessoas é de fato moldada por essas reivindicações e o caminho em que as instituições religiosas operam.

É, aliás, claro que os padrões de ritual em curso são um elemento importante na institucionalização da religião. Por exemplo, se acredita que certas cerimônias e sacramentos só podem ser executados adequadamente por um sacerdote e então a instituição religiosa será determinada em parte pela necessidade de manter e proteger um sacerdócio profissional.

1.1.6 A dimensão experimental

As dimensões que discutimos até agora, não seriam cabíveis se não fossem pelas considerações centrais deste estudo: a experiência, a dimensão experimental.

Talvez o homem espere ter contato e participar do mundo invisível por meio do ritual, a fé pessoal normalmente envolve a esperança, ou realização de experiência neste mundo. O monge budista espera pelo nirvana, e isso inclui a experiência contemplativa da paz e da percepção do transcendente. O cristão que ora a Deus acredita normalmente que Deus responde a oração - e isso não apenas 'externamente' em relatar o assunto, como uma cura para a enfermidade, mas principalmente 'internamente' no relacionamento pessoal que floresce entre a pessoa que reza e seu Criador. O cristão orante acredita que Deus fala de maneira íntima e que o indivíduo pode e tem uma experiência interior de Deus. Portanto, religião pessoal envolve o que nós chamamos de a dimensão experimental.

O fator da experiência religiosa é ainda mais crucial quando consideramos os eventos e a vida humana da qual as grandes religiões vieram. O Buda conquistou a 'iluminação' enquanto ele se sentava em meditação sob o Bo-Tree. Como consequência de sua experiência mística aterradora, ele acreditava que ele tinha o segredo da cura para o sofrimento e a insatisfação da vida neste mundo. Temos registros das visões inaugurais de alguns profetas do antigo testamento, das experiências que lhes diziam algo profundamente importante sobre Deus e que os insentivou ensinamentos em seu nome, isso foi por meio dessas experiências que Muhammad iniciou a pregar a unidade de Alá, uma pregação que teve um impacto explosivo sobre o mundo a partir da Ásia Central para Espanha. Não há como ler os Upanishads, a maior parte da doutrina hindu, sem perceber a experiência nos quais seus ensinamentos são fundados. A passagem mais impressionante é a de Bhahavad Gita, provavelmente o maior documento religioso do hinduísmo, é aquela na qual o Senhor revela-se em terrível esplendor para Arjuna. Arjuna é sobrecarregado por um temor respeitoso, preenchido por devoção. Comentamos sobre a importância seminal de experiência semelhante de São Paulo no caminho de Damasco.

As palavras de Jesus Cristo revelam sua sensação de proximidade íntima ao Pai; Há poucas dúvidas sobre essas grandes e significativas experiências. Estes e outros exemplos podem ser dados sobre o papel crucial desempenhado pela experiência religiosa na gênese de grandes crenças.

Por esta razão, não é realista tratar o Marxismo como uma religião: embora possua doutrinas, símbolos e um código moral, e algumas vezes ritualísticos, isso nega a possibilidade de uma experiência de um mundo "invisível". Nem a relação com um Deus pessoal, nem a esperança de uma experiência de salvação ou nirvana pode ser significativa para o Marxista. Do mesmo modo, o Humanismo, porque ele fixa suas visões sobre esses

objetivos mundanos. No entanto, é necessário que examinemos o impacto dessas crenças no mundo contemporâneo. Mas a principal ênfase será no lado interno, o que as religiões significam na experiência pessoal e como elas foram moldadas por tal experiência.

Há uma dificuldade especial, mas, empreendida em uma descrição de uma experiência religiosa. Nós temos que confiar no testemunho de quem tem a experiência, e seus relatórios devem nos transmitir a pretendida confiança, quer por discurso ou escrita. Algumas consideram profética ou mística a experiência de importantes líderes que vem preservando oralmente tradições por gerações antes de serem escritas. Mas na maior parte, as experiências religiosas individuais que influenciou grandes segmentos da raça humana ocorreu em culturas que detem a arte de escrever. Isto significa que a experiência ocorreu no contexto das religiões já existentes, nas quais já havia uma dimensão doutrinária. Isso levanta um problema para nós, na nossa tentativa de entender a única experiência religiosa dos profetas ou fundadores das religiões, por suas experiências como interpretadas à luz das doutrinas existentes, bem como as vestimentas nas formas místicas e simbólicas da era. Há menos dificuldade quando consideramos as “figuras menores das religiões”, e não os fundadores, mas os santos e visionários que se aproximam”. Eles interpretam suas experiências nas doutrinas e mitologias recebidas.

Por estas razões, não é fácil saber precisamente sobre os relatos no qual os elementos estão baseados para serem ditos, puramente na experiência em si, e qual são devidos a interpretação doutrinária e mitológica. De certa forma o problema pode ser superado comparando os relatos de homens de diferentes culturas, como a Índia e o Ocidente, que praticamente não tinham contato durante os períodos cruciais para a formação e elaboração das crenças religiosas dominantes.

Além disso, não vale nada que tenha uma dialética entre experiência e doutrina. Assim, embora o Buda, por exemplo, assumisse elementos das formas de pensamento de sua própria era, ele era genuinamente um professor criativo, que introduziu novos elementos e transmutou o antigo. Os profetas do antigo testamento formaram um monoteísmo ético genuinamente original a partir de uma crença existente em Jeová. As mudanças que eles fizeram nos ensinamentos etnicamente centrados que herdaram podem ser entendidas, até certo ponto, no impacto das experiências religiosas pessoais que foram reveladoras para esses homens. Assim a interpretação da experiência e doutrina tem uma relação dialética. O último colore o primeiro, mas o primeiro também molda o último. Este estudo tentará exibir essa dialética trabalhada.

Essa dialética influencia e também nos ajuda a compreender algumas características de cada religião a um nível mais humilde. Os cristãos, por exemplo, ensinavam certas doutrinas e símbolos mitológicos de seus pais. Aprendem a chamar Deus de "Nosso Pai"; são instruídos para acreditar que o mundo é criado por Deus e sustentado por Ele. Essas ideias irão ser simplesmente "teórico" tão longe quanto uns jovens cristãos é interessado, de acordo com outras teorias não observáveis sobre o mundo, como que a terra rodeia o sol. Mas suponha que ele progride para uma compreensão mais profunda da fé cristã através de experiências pessoais específicas, ou por meio de respostas às exigências rituais e éticas da religião. Então, eles virão a ver que, de forma misteriosa Deus é uma pessoa com quem ele pode ter contato; Deus não é apenas como o sol, para ser pensado de forma especulativa, ou para ser olhado. Pessoalmente, então, eles descobrem que podem adorar e orar a Deus. Em suma, “acredito em Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra” terá um novo significado para ele. Em certo sentido, irão agora acreditar em algo diferente do que eles acreditaram antes. Desta forma, a interação entre doutrina e experiências é fundamental para a religião pessoal.

1.2 EXPERIÊNCIA E REVELAÇÃO

A importância crucial aqui atribuída à experiência religiosa pode encontrar as seguintes críticas. Certamente, isso será comentado, a verdade da religião é descoberta por meio da revelação. Por exemplo, a revelação cristã deve ser encontrada nas palavras das escrituras, que são garantidas por Deus. Não é uma análise em termos da dimensão experiencial falsa às crenças legais dos cristãos?

Essa objeção é importante, e a discussão sobre isso servirá para esclarecer ainda mais o que queremos dizer por experiência, doutrina e mitologia. O primeiro ponto a fazer é que não estamos aqui principalmente preocupados em dizer qualquer coisa diretamente sobre a verdade da religião. Pode ser que um fenômeno tão profundo e muito difundido na história e na cultura irá nos mostrar como transmitir a verdade. Mas esta é uma questão filosófica e doutrinária que não estamos aqui convocados a decidir. Devemos primeiro descrever os fatos sobre a experiência religiosa das pessoas cientificamente. Usando essa abordagem precisamos apenas dizer isso: a ideia de que a revelação de Deus deve ser localizada nas palavras da Escritura

é uma doutrina que muitas pessoas acreditam; A teoria da revelação é parte da dimensão doutrinária do Cristianismo.

Em segundo lugar, o que quer que possamos dizer sobre a inerrância das escrituras, não há dúvida de que a Bíblia descreve algumas experiências religiosas e eventos históricos de grande significado mitológico e doutrinário. A Bíblia não é em si mesma uma experiência ou um evento histórico: mas nos conta sobre estas coisas. Consequentemente, é importante abordar a religião bíblica considerando o que elas significam.

Esta é uma razão pela qual alguns modernos teólogos cristãos tendem a falar da revelação “não proposicional”. O que eles querem dizer é que a revelação é a auto-descoberta na experiência humana e na história, conforme registrado pela Bíblia. É Deus revelando-se na história dos Judeus, na experiência dos profetas, e na pessoa de Cristo. Os eventos históricos, as experiências religiosas, Jesus - essas não são declarações: estas são, sobre o que a declaração da Bíblia aponta. Não são proposições: são proposições que a Bíblia se refere. Todavia, um científico ou descritiva consideração de um Judeu e um precoce religioso Cristão que se descreve e expressa no Antigo e no Novo Testamento, não se poderá evitar algumas infalibilidade da escritura, e sobre são forma e composição. Felizmente, porém a abordagem aqui adotada não terá valor, mesmo do ponto de vista daqueles que contém uma posição muito diferente quanto à inerrância e inspiração da Bíblia. E isso se dá por dois motivos.

Primeiro, há poucas dúvidas de qualquer ponto de vista de que a Bíblia nos fornece a informação essencial que precisamos para descrever as experiências e os ensinamentos das figuras-chave de uma narrativa, embora, no que diz respeito a Cristo, existam certas dificuldades especiais, tanto religiosos como históricos, na compreensão da natureza precisa de sua vida interior em relação ao Pai.

Em segundo lugar, em todo o campo do conhecimento humano, seja nas artes liberais ou as ciências, há sempre uma margem de desacordo entre especialistas experientes. Mas muitas vezes o conhecimento avança exatamente por causa disso. É fora do diálogo e do argumento que novos conhecimentos são ganhos. Consequentemente, mesmo que eu tenha poucas dúvidas de que haverá alguma discordância sobre os fatos da religião, como aqui será apresentado, a apresentação é justa, eu confio: mesmo aqueles que, por causa do comprometimento doutrinário com a Bíblia desejarem qualificar ou complementar as considerações devem ser capazes para ver algo da abordagem que muitos especialistas bíblicos e teólogos adotaram durante este século.

Finalmente, vale ressaltar que muitos Hindus consideram sua revelação da escritura como verbalmente inerrante, e que a grande maioria dos muçulmanos considerem o Alcorão dessa maneira. Portanto, é razoável tratar todas as escrituras do mundo da mesma maneira e tentar penetrar o espírito e o significado do que dizem, em vez de contentar-se com a aceitação das cartas dessas escritas. Mas é preciso lembrar que o conteúdo das escrituras representadas (qualquer que seja sua precisão factual) um aspecto importante das dimensões doutrinárias e mitológicas das religiões em questão.

O que precede pode ser resumido dizendo que aqui a revelação será tratada como “não proposital”. É claro que, quando Deus se revela a um profeta, isso envolve algum tipo de experiência humana de uma pessoa que experimentou: Deus deve revelar-se por meio da experiência do homem. Assim, é possível abordar a revelação do ponto de vista humano, considerando o que significa para os destinatários e como eles o interpretam. No entanto, para alguns “tipos” de crença, e notavelmente para o Judaísmo e Cristianismo, revelações não ocorrem meramente por meio das experiências internas dos indivíduos: isto também ocorre “externamente” através de eventos históricos como o cruzamento do Mar Vermelho, e a Crucificação de Jesus. Claramente, estes são eventos que ocorrem na experiência humana. Na verdade, eles devem ser assim se eles são corretamente descritos como eventos “históricos”. Para o que queremos dizer com a história, em seu sentido primário, é a interação complexa e de efeito recíproco de eventos que ocorrem através da interferência de seres humanos, ou que ocorrem em relação aos seres humanos.

O cruzamento de César do Rubicão é parte da história por causa de César, e seus inimigos, eram seres humanos. A erupção de uma cratera na lua não é contada como parte da história, menos que talvez isso afete um astronauta, ou perturbe um astrólogo. Consequentemente, quando dizemos que algo é revelado na história, isso deve estar dentro da experiência humana. Além disso, não faz sentido dizer, “isso foi revelado”, sem saber a quem. Mas isso não significa que toda revelação cai dentro do que chamamos de “dimensão experiencial” da religião?

Esta questão vale a pena perguntar, pois aponta uma ambiguidade na palavra “experiência” que deveria ser esclarecida. Até agora, ao falar de experiência religiosa, queremos referir-nos a todas as experiências que são realmente importantes, como São Paulo na estrada de Damasco, ou um piedoso interior pessoal identificado com uma resposta para suas orações. Mas ao falar sobre a dimensão religiosa, nós não queremos referir a todas as experiências que uma pessoa religiosa possa ter. Por exemplo, São Paulo talvez

tenha subido pela estrada de Damasco em uma carruagem: sua percepção da carruagem e do cavalo era uma experiência. Mas essa percepção não poderia ser chamada de "experiência religiosa", a menos que, por algum motivo especial, a visão da carruagem de repente revelasse algo fundamental sobre a natureza de Deus. Uma experiência religiosa envolve algum tipo de "percepção" do mundo invisível, ou envolve a percepção de que alguma pessoa ou objeto visível seja uma manifestação do mundo invisível. Uma pessoa comum em Jerusalém, que simplesmente via Jesus percorrer, não tinha experiência religiosa, mas os discípulos que o viram transfigurado na montanha tiveram tal experiência: a Transfiguração foi precisamente a manifestação na pessoa de Jesus da glória do mundo invisível.

Se a história da transfiguração descreve a maneira como uma pessoa histórica foi, em uma ocasião em particular, investida de profundidade através da dimensão experiencial da fé religiosa, a crucificação é um exemplo de um caminho no qual um evento histórico é obtido profundamente por meio das dimensões doutrinárias e mitológicas. A morte de Jesus na Cruz é vista pela tradição cristã não somente como a execução de uma pessoa que provou ser incômodo e perigoso para as autoridades, esta também é vista como parte de um drama divino que tem significado cósmico. Mitologicamente, é a derrota de Satanás e a restauração do vínculo entre o homem e Deus que foi severo pela queda. Esse evento é aprofundado dado pelas tentativas de expressar uma doutrina consistente e significativa da Expição. Muitas vezes, não é fácil traçar uma linha clara entre as dimensões mitológicas e doutrinárias da religião, mas o último é tipicamente mais colorido, simbólico, pitoresco e de história. Os mitos são histórias, e eles trazem algo sobre o mundo invisível. Esse é o caso do tratamento de eventos históricos significantes como parte da dimensão mitológica. A história da crucificação é uma história verdadeira sobre a morte de um líder religioso: mas também é uma história que é vista como parte de um drama divino. A história visível ilumina o invisível, e inversamente.

Assim, nós podemos contar tanto os mitos *históricos* (isto é, as histórias a respeito do mundo invisível que têm uma ligação na história) e mitos *não históricos* (aqueles que não possuem essa ligação) como aspectos da dimensão mitológica.

1.2 O MITO E O INCONSCIENTE

Há um outro aspecto da dimensão mitológica que precisa ser mencionado aqui. Anteriormente, vimos que existe uma interação entre as dimensões experiencial, mitológica e doutrinária. As experiências conscientes nas quais os seres humanos têm do mundo invisível formam e são moldadas pela mitologia e doutrina das culturas em que ocorrem as experiências. Mas, além do que se passa conscientemente na mente do homem, existem os processos do "inconsciente". Não há necessidade de julgar se as teorias particulares do inconsciente, como são empregadas em psicologia profunda, são corretas; nem precisamos entrar em uma discussão filosófica sobre se é estritamente necessário ou preciso falar sobre um domínio do inconsciente. O que é inegável é que ocorrem certos padrões característicos de atividade mental e simbolismo que têm profundidades de significado nem sempre óbvias para a consciência do indivíduo em quem ocorrem. Uma investigação destes pode às vezes ser iluminadora. Podendo, assim, lançar luz sobre certos aspectos da mitologia. Há por assim dizer, uma fronteira entre o reino dos sonhos e o reino dos mitos. Consequentemente, uma investigação da dimensão experiencial não esgota o alcance da psicologia da religião. O psicólogo da religião precisa considerar as formas em que a dimensão mitológica às vezes é moldada por esses fatores "inconscientes". Mas uma vez que a "psicologia" é mencionada, devemos tomar nota de um perigo. É fácil saltar para a conclusão de que, porque uma explicação psicológica é oferecida para um fenômeno, portanto, o fenômeno como um mito não pode, por assim dizer, falar a verdade sobre o mundo invisível. Esta conclusão é muito fácil. Por exemplo, um fisiologista pode explicar o funcionamento do olho, do cérebro e do sistema nervoso central, quando ocorre uma percepção. Nesse sentido, ele "explica" a percepção. Mas isso não mostra que a percepção é verdadeira ou falsa. O fisiologista simplesmente quer explicar o processo normal de percepção da visão. Normalmente, o que pensamos que percebemos, nós realmente percebemos: a maioria das percepções "diz a verdade", por assim dizer. Agora, este não é por si só um argumento conclusivo contra aqueles que desejam "explicar" a religião em termos psicológicos. Mas basta mostrar que questões filosóficas bastante complexas são levantadas, o que, claro, levanta a questão sobre a verdade da religião. Mas observamos anteriormente que não nos preocupamos principalmente com essas questões filosóficas. Em vez disso, desejamos delinear toda a história da experiência religiosa da humanidade: devemos descrever e analisar os fatos da religião antes de julgar sabiamente sobre sua verdade.

1.4 RELIGIÃO COMO ORGANISMO

Em suma, nossos relatos até agora sobre o que é religião são: um organismo de seis dimensões, tipicamente contendo doutrinas, mitos, ensinamentos éticos, rituais e instituições sociais, e consubstanciado por experiências religiosas de vários tipos. Para entender as ideias-chave da religião, como Deus e o nirvana, é preciso entender o padrão da vida religiosa direcionada a esses objetivos. Deus é o foco de adoração e louvor enquanto o nirvana é encontrado atravessando o Nobre Caminho Óctuplo, culminando na contemplação.

Na verdade, pode-se dizer algo ainda mais forte do que isso. Deus deve ser *definido* em relação à adoração, e o que nos leva a capacidade de dizer "Meu Deus, meu Deus" é reconhecer que ele merece minha lealdade e louvor. Deus e deuses são essencialmente os focos de culto e atividades rituais. Assim, quando, por uma metáfora, dizemos que uma pessoa faz um deus do estômago, não queremos dizer que ele faz um Criador ou a Primeira Causa do estômago; mas que ele "adora" o comer do estômago é o seu maior objeto de lealdade e reverência. Dizer que há um Deus é, portanto, diferente de dizer que existe um Criador ou Primeira Causa. Deus pode ser Criador: mas primeiramente ele é o objeto de adoração. Assim, a compreensão das ideias sobre Deus exige uma aliança próxima ao meio ambiente na vida religiosa das pessoas. E os rituais que as pessoas dirigem em direção a Deus e os deuses precisam, por sua vez, ser entendidos por referência ao lado interno e, portanto, de última forma, por referência à experiência religiosa.

Este relato geral da religião que damos depende da comparação das religiões à medida que as encontramos no mundo. As comparações, porém, precisam ser tratadas com cuidado. Pois não somos confrontados, de fato, por algum objeto monolítico, chamado religião. Somos confrontados com *religiões*. E cada religião tem seu próprio estilo, sua própria dinâmica interna, seus próprios significados especiais, sua singularidade. Cada religião é um organismo e deve ser entendida em termos de interrelação de suas diferentes partes. Assim, embora existam semelhanças entre religiões ou entre partes das religiões, isso não deve ser visto muito cruamente.

Por exemplo, é correto dizer que algumas religiões são monoteístas, eles adoram um Deus único. Mas a concepção de Deus pode variar sutilmente. Por exemplo, o Islamismo e o Cristianismo ambos apresentam herança do Antigo Testamento, e embora tenha muitas características do Deus cristão, como ser Criador, juiz, misericordioso, providencial, mesmo assim, os pontos de semelhança são afetados por meio social. Assim a ideia cristã do Criador é afetada pelo fato de que a criação não é apenas vista em relação ao Gênesis, mas também em relação aos versículos iniciais de João. A crença em Cristo, vista como o Logos, afeta a crença em Deus e afeta a visão de criação.

É como uma imagem. Um elemento particular, como uma mancha amarela, que pode ocorrer em duas imagens diferentes. Uma pode apontar semelhanças. No entanto, o significado de um remendo de amarelo ainda pode ser muito diferente do significado do outro. O que significa que, estes, dependem de outras manchas de cores que o rodeiam. Da mesma forma, elementos em um organismo religioso são afetados pelos outros elementos presentes.

Embora tenhamos vontade inevitável de comparar as religiões para dar sentido aos padrões de experiência religiosa encontrados na história das crenças humanas, também devemos reconhecer que cada religião deve ser vista essencialmente em seus próprios termos, intrinsecamente. Isso significa que temos que ter uma sensação da multiplicidade da vida religiosa humana, bem como dos seus pontos de unidade e de contato. Não devemos nos preocupar apenas com religião: preocupamos também com as religiões. E temos que os ver na perspectiva da história do mundo.

Portanto, olharemos para esta história e as formas em que a multiplicidade que a religião se desenvolveu. Um breve resumo da história das religiões pode fornecer uma perspectiva para ver as várias manifestações do espírito humano discutidos nos capítulos subsequentes.

1.5 UMA VISÃO PANORÂMICA DAS RELIGIÕES HISTÓRICAS

Não podemos precisar exatamente com a religião começou. Ainda assim, vamos discutir mais adiante algumas teorias. Há uma ampla evidência de que os ritos religiosos foram praticados no início da pré-história e pode ser que o sentido do sagrado tenha sido parte da experiência humana a partir deste princípio. É notável que, antes do surgimento das espécies humanas próprias (*homo sapiens*), o homem de Neanderthal - cerca de 150 mil anos atrás - praticava o enterro ritual dos mortos. Isso parece apontar a crença em uma vida após a morte e acreditar em um mundo "invisível".

Um ponto dramático decisivo na história ocorreu entre 4000 e 3000 a.C. no Oriente Médio com os primórdios da civilização urbana. Na última parte do quarto milênio a.C., uma vida agrícola estabelecida nas

áreas mais férteis do Egito e da Mesopotâmia forneceu recursos para o estabelecimento de cidades, o que, por sua vez, permitiu não só a centralização da administração civil e religiosa, mas também o crescimento de elaborados cultos do templo e de um sacerdócio organizado. A descoberta da escrita criou então uma profunda mudança na vida do homem. As palavras escritas gradualmente vieram substituir a memória como fonte de tradição e forneceram meios criativos para expressar a herança religiosa do homem. O Egito e a Mesopotâmia tornaram-se centenas da civilização, e mais a leste, no Vale do Indo, no noroeste da Índia e na China, desenvolveram culturas importantes.

Não é por acaso, talvez, que a partir dessas três áreas - Oriente Médio, Índia e China - as três grandes fontes das religiões do mundo desenvolveu. É curioso, a este respeito, que, entre um período de trezentos anos, de 800 a 500 a.C., as grandes tradições religiosas do mundo cristalizaram. Na Palestina, ocorreu o surgimento decisivo de uma fé monoteísta por meio do trabalho dos profetas hebreus; O Judaísmo que eles desenvolveram tornou-se o fundamento sobre o qual tanto Cristianismo e Islamismo foram construídos mais tarde. Na Índia esse foi o período da composição do mais importante dos Upanishads - os escritos que fazem parte das escrituras sagradas do hinduísmo. Os Upanishads contêm originalmente as ideias mais tarde elaboradas nas várias teologias que permanecem até hoje as formas sob as quais os Hindus veem o mundo sobre eles.

Durante os mesmos trezentos anos, professores pouco ortodoxos na Índia desafiaram a tradição dos Arianos que invadiram a Índia durante o segundo milênio, a.C. e cujas crenças, rituais e estrutura social dominaram há muito tempo o norte da Índia. Dois desses professores pouco ortodoxos viveram na memória das pessoas religiosas até hoje: Mahavira, a "Jina" ou "Conquistadora", que restaurou uma tradição arcaica de crença religiosa e cujos ensinamentos são transmitidos hoje na fé conhecida como jainismo; e o Buda, o "Iluminado".

Ambos viveram no século VI aC . Embora o Jainismo tenha diminuído para menos de dois milhões de pessoas no último censo - há apenas um punhado de Jainistas fora da Índia - O Budismo foi a religião missionária mais bem-sucedida, pelo menos estatisticamente, que o mundo viu. O budismo se espalhou para o Ceilão, a Birmânia e o Sudeste Asiático - onde é da chamada variedade "Veículo Menor" - e também infiltrou na China, no Tibete, na Mongólia, na Coreia e no Japão - onde é predominantemente o chamado " Grande Veículo ". Não é exagero dizer que toda a massa continental da Ásia Oriental foi permeada ou influenciada pelo Budismo, com exceção da Sibéria. Em resumo, o budismo tornou-se uma força mundial importante: o jainismo permaneceu, com altos e baixos, uma religião do subcontinente indiano. É certo que, por volta de 1100 A.D., o Budismo havia praticamente sido extinto em sua terra natal; mas, como o cristianismo, que também não firmou raízes em seu lugar de origem, o budismo se espalhou por toda parte. Atualmente, existem missões budistas na Europa e nos Estados Unidos; alcançando, assim, razoável sucesso.

Enquanto o Zoroastrismo e o Judaísmo se desenvolveram no Oriente Médio (que foi mais tarde o berço do Cristianismo e, no século VII do Islamismo), e enquanto o Hinduísmo e o Budismo se desenvolveram na Índia, em grande parte no período crucial entre 800 e 500 aC, havia eventos igualmente importantes na China. Confúcio, que viveu aproximadamente de 551 a 479 a.C. (o Buda viveu de 563 a 483 a.C.), reformou, clarificou e sistematizou as tradições anteriores da China em um sistema social e religioso coerente. A ética Confucionista permaneceu até hoje um fator poderoso na cultura chinesa, tanto em casa como no exterior. Um lendário contemporâneo (muitos estudiosos discutem sua existência e data) Lato-Tse, cujos ensinamentos mais místicos e contemplativos são resumidos no *Tao-te Ching (O Clássico do Tao e seu poder)*, foi a fonte de uma religião que tem também teve uma profunda influência sobre a vida chinesa. Embora o Taoísmo esteja agora em um estado de declínio profundo, não só foi uma poderosa força cultural e espiritual, mas também teve um efeito sobre o Budismo quando essa religião veio a evangelizar a China. O Budismo Zen é, de fato, a forma japonesa de um movimento que representa uma mistura entre idéias taoístas e budistas e técnicas contemplativas.

Na China, três religiões dominaram a maior parte do período desde o século II A.D até os tempos modernos - Confucionismo, Taoísmo e budismo. No Japão, através da influência cultural da China, o confucionismo e o Budismo vieram permear a vida japonesa. Mas a fé indígena, o Xintoísmo (o caminho dos deuses), sobreviveu à invasão. Embora o Xintoísmo tenha sido usado pelos militaristas no período anterior e durante a Segunda Guerra Mundial para promover o nacionalismo, isso foi efetivamente uma distorção de seus valores, certamente continua a ser importante na vida Japonesa.

Adentraremos agora acerca das observações sobre o desenvolvimento das religiões no mundo ocidental e do Oriente Médio. Em meados do século VI aC. ou anteriormente, o profeta Zoroastro pregava um monoteísmo ético com base no princípio de que existe uma luta cósmica entre o supremo Espírito Santo (Ahura Mazda) e o Espírito do Mal (Angra Mainyu). Ao fazê-lo, Zoroastro, ou mais corretamente, Zaratustra, transcendeu a fé politeísta existente que estava intimamente relacionada com a dos arianos que invadiram a

Índia. Entretanto, a oeste, o povo hebreu tornou-se o primeiro de todos os povos Semitas que ocupavam a área do Egito para a Mesopotâmia para alcançar um verdadeiro monoteísmo. (Akhenaton no Egito, no século XII a.C., tentou elevar a Aten à divindade solitária e exclusiva sobre os vários deuses de um politeísmo complexo, embora a tentativa fora mal sucedida. Depois de sua morte os rituais tradicionais foram restaurados. O monoteísmo judeu talvez não tenha alcançado um lugar importante no mundo antigo se não tivesse sido transformado por meio da vida de Cristo e a propagação subsequente do cristianismo através da maioria do Oriente Médio e do mundo greco-romano. Com toda a probabilidade, o monoteísmo judeu teria continuado a ser a fé de uma nação menor dentro da estrutura do Império Romano.

O cristianismo teve um sucesso espetacular na conversão da Europa. África do Norte e Oriente Médio e, no século IV, d.C. tornou-se a religião oficial do Império. Posteriormente, seu curso de partida foi diversificando. Ao longo de séculos, a Igreja Oriental, centrada em Bizantino e a Igreja ocidental, liderada pelo Papa em Roma, se separou. No século VII, os ensinamentos de Muhammad começaram a se espalhar de forma explosiva para além de sua pátria árabe e, em cinquenta anos, o islamismo era a fé dominante do norte da África, uma grande parte da Espanha, quase todo o Oriente Médio e partes da Ásia Central. A partir do século XI, infiltrou na Índia, e no décimo quinto, finalmente, destruiu o Império Bizantino, obtendo assim uma entrada para o leste da Europa. Na primeira metade do século XVI, Lutero desencadeou a Reforma, de modo que a cristandade se dividiu em três segmentos principais: católico romano, protestante e ortodoxo oriental. Esta divisão continuou até o presente momento, embora agora existam forças poderosas no trabalho para se reunir.

O cristianismo perdeu muitos adeptos por meio do impacto do Islã na Idade Média. No Renascimento, embora as divisões internas o tenham dificultado, uma nova era de expansão abriu para a Cristandade com os sucessos de navegação das nações marítimas da Europa. As descobertas do Novo Mundo e da rota marítima para a Índia e além davam aos missionários Cristãos oportunidades incríveis. Além disso, os assentamentos na América do Norte, Austrália e Nova Zelândia pelos povos europeus e a conquista da América Latina significaram naturalmente que a cultura cristã deveria dominar essas áreas. Embora as missões tenham tido algum sucesso na Ásia, a população em geral permaneceu leal às religiões tradicionais por muito tempo estabelecidas.

Durante os últimos dois séculos, ambos Hinduísmo como o Budismo passaram por um renascimento, como um renascimento pode ser em parte atribuído à redescoberta do passado entre os povos, dominados pelas potências europeias, que agora desejavam reformar e esclarecer seu patrimônio como parte da incipiente luta pela liberdade e independência.

1.5.1 Humanismo Moderno e Marxismo

No Ocidente, nos tempos modernos houve uma diminuição na crença Cristã. Caracterizada por duas causas principais - o crescimento do Ceticismo religioso entre as classes educadas e a Revolução Industrial, que obrigou as pessoas a cidades e a novos tipos de trabalho e vida e que destruíram os padrões sociais tradicionais. Na Inglaterra, como em outros lugares, a maioria dos trabalhadores se alienou das igrejas. O ceticismo religioso em parte decorreu do racionalismo do final do século XVIII: além dessas raízes filosóficas, havia causas de descrença de um personagem bastante diferente. Eles saíram da colisão entre investigação científica - e acima de tudo a teoria da evolução - e uma interpretação literal da Bíblia. Havia, portanto, uma incompatibilidade entre a ciência e um tipo de teologia cristã, que aconteceu no momento de ser influente.

Duas reações não-cristãs foram geradas pelos problemas do industrialismo do século XIX e discussões das relações entre ciência e religião. Por um lado, houve o movimento de reforma liberal, expressado por figuras como John Stuart Mill. Este tipo de pensamento emitido no Humanismo, que fragmentou em vários números. Por outro lado, contra o liberalismo, que foi dedicado à liberdade do indivíduo e economia de laissez-faire, Marx deu forma poderosa às ideias socialistas. Marxismo, através da organização do Partido Comunista, em última instância, de um modo bastante inesperado, foi um fator na Revolução Russa de 1917. Desde então, é claro, tornou-se a filosofia oficial de vários outros países - embora seja notável que onde ocorreram revoluções "independentemente" (isto é, não através da conquista territorial pelo exército soviético), as interpretações diferentes do marxismo foram apresentadas: assim, na Iugoslávia e na China, houve interpretações do marxismo não totalmente de acordo com o Marxismo da U.R.S.S.

1.5.2 Religiões sincréticas

Em grande parte, as grandes religiões deram origem a três fontes - Oriente Médio, Índia e China - dando origem a três grupos de fé: o grupo Semítico - o Judaísmo, Cristianismo e o Islã; o grupo Indiano -

o Hinduísmo. Budismo e Jainismo; o grupo Sino-Japonês - o Confucionismo, o Taoísmo e o Xintoísmo. A interação entre religiões de diferentes grupos produziu alguns novos movimentos religiosos. Assim, a religião Sikh originou-se como uma tentativa de combinar o melhor do Hinduísmo e do Islamismo. Recentemente a Missão Ramakrishna e o Ashram Sri Aurobindo, ambos dentro da estrutura principal do Hinduísmo, oferecem diferentes modos de sintetizar a religião Oriental e Ocidental e a metafísica. Do interior do Islã, o movimento Bahá'í, que data do século passado, é uma outra tentativa de combinar crenças. Mais cedo na China, o Budismo foi misturado com Confucionismo e Taoísmo, e um resultado foi Ch'an, ou Zen, o Budismo. No Japão, havia também um Budismo sincretista, incorporando ideias e práticas Budistas e Xintoísta. E em várias partes do mundo, surgiram novos cultos como resultado do impacto do cristianismo sobre as religiões tribais enfraquecidas pela conquista estrangeira e pela tecnologia moderna. Assim onde as religiões entram em contato, há uma tendência ao sincretismo. Muitas vezes isso leva à criação de uma terceira religião, afirmando ser inclusiva, mas de fato separada das crenças tradicionais que deveria incluir.

Além desses movimentos de sintetização, tem havido um crescimento nos últimos cem anos ou mais de novas religiões que têm uma relação histórica com o cristianismo, mas não pertencem à cristandade ortodoxa. Entre estes, destaca-se a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, as Testemunhas de Jeová e a Ciência Cristã.

1.5.3 As religiões em diálogo

Nossa visão do panorâmica das religiões do mundo deve finalmente reconhecer que, embora algumas das grandes crenças tenham entrado em contato um com o outro no passado, é apenas em tempos comparativamente recentes que todos pertencem a um único mundo, por assim dizer. No passado, tem havido inúmeras histórias nacionais: agora com meios modernos, transporte e comunicação, há uma única história mundial. Além disso, apenas nos últimos cem anos o trabalho paciente de muitos estudiosos disponibilizou os escritos sagrados do mundo. Agora, a maioria dos principais textos foram traduzidos e editados. Assim, apenas recentemente tornou-se possível um diálogo genuíno entre as religiões. Até então, embora os ocidentais, por exemplo, conhecessem bastante sobre os externos do Hinduísmo, ignoravam largamente as dimensões doutrinárias e mitológicas dessa fé. Havia muitos mal-entendidos. Podemos imaginar quão difícil seria ele para um Índio que não conhecesse a Bíblia para ter uma visão correta do Cristianismo simplesmente com base na observação do comportamento cristão ou dos rituais Cristãos. Não devemos subestimar a mudança dramática que surgiu na cena religiosa nos últimos sessenta anos e mais: agora, pela primeira vez na história humana, é possível que os membros das várias religiões, Oriente ou Ocidente, falem um ao outro em uma maneira informada e simpática. Um resultado pode ser estimular o crescimento do sincretismo acima referido. Mas, seja o que for que se sinta sobre este aspecto do assunto, certamente é motivo de reingressar que agora, finalmente, as pessoas de diferentes religiões têm a oportunidade de compreensão mútua. A ignorância nunca foi uma virtude.

A forma do passado religioso - a confluência de uma série de fluxos separados em um único rio da história hoje - determina a ordem de nossa pesquisa de religiões. Claramente, devemos começar no início, com uma tentativa de penetrar nos segredos da religião pré-histórica: será vantajoso nessa conexão olhar para as religiões dos homens que vivem hoje em um estado tecnologicamente primitivo. Em seguida, os três principais fluxos das principais tradições religiosas devem ser discutidos de forma independente. Uma vez que a religião Chinesa tornou-se tão permeada pelo Budismo, e como o Budismo se originou no subcontinente Indiano, a religião Indiana deve descrever antes da China. Por várias razões, também é conveniente tratar a Índia antes de recorrer ao surgimento do monoteísmo Judeu e suas consequências Cristãs. A história inicial do Cristianismo prepara o cenário para a história explosiva do Islã. Apartir disso, voltaremos para Europa para observar os desenvolvimentos posteriores da tradição Cristã. Finalmente, devemos rever o estado das religiões hoje e tentar prever algumas das consequências da divisão atual entre as fés mais tradicionais e os movimentos Marxistas e Humanistas.

O vasto, fascinante e rico panorama da experiência religiosa da humanidade deve atingir qualquer observador, seja ou não alguém comprometido pessoalmente com uma fé religiosa, como característica central na geografia do comportamento humano. Muitos dos nossos sentimentos mais profundos são expressos aqui, e a religião é um registro das visões pelas quais as pessoas interpretaram a realidade cósmica em que estão imersas. Ninguém pode entender a humanidade sem entender as crenças da humanidade. Às vezes ingênuo, às vezes penetrantemente nobre, às vezes bruto, às vezes delicado, às vezes cruel, às vezes inundado por uma irresistível delicadeza e amor, às vezes afirmando no mundo, às vezes negando o mundo, às vezes um olhar

para interior, algumas vezes universalista e missionária, às vezes superficial, e frequentemente profundo – a religião permeou a vida humana desde tempos obscuros e iniciais. Como uma experiência, o que isso significou? Agora vamos começar a ver.

2. O QUE APRENDI AO FAZER ESTE TRABALHO?

Ao desenvolver a tradução do livro *The Religious Experience of Mankind*, de Niniam Smart (1969), me deparei com alguns desafios. A princípio, em relação ao conhecimento do tema abordado pelo autor que, cognitivamente, não apresento domínio. Em seguida, às correspondências lexicais, ou seja, terminológicas, as quais constituem a principal barreira confrontada.

O recurso tecnológico, através da internet, foi usado para investigação, a fim de dar prosseguimento ao trabalho de tradução, já que, primeiramente, a tecnologia de informação permite o acesso a uma grande quantidade de vocabulários e sinônimos, principalmente através de palavras-chave. E em segundo lugar, por condicionar as várias bases terminológicas, até então desconhecidas, que surgiram ao longo do trabalho de tradução. Desenvolver a percepção de um vocabulário mais cabível exigiu uma maior concentração.

Uma outra questão diz respeito à tradução de vocábulos que se referem às organizações e à sua estrutura, pois devido à distância cultural, foi trabalhoso perceber, por várias vezes, a qual realidade o termo se referia e qual a sua correspondência em relação ao idioma e, também, à cultura. É interessante apontar, também, a questão temporal. O livro foi publicado no ano de 1969, o que destoa muitas vezes o uso e até mesmo o significado de palavras da atualidade.

Ocorre, às vezes, o falso cognato, quando idiomas distintos têm palavras semelhantes. Como o próprio nome indica, muitas vezes há uma falsa semelhança entre a língua de partida e a língua de chegada, o que podem ocorrer enganos desastrosos, levando à consequências que levam a erros muito graves durante a tradução.

Foi preciso uma análise mais profunda do texto ao traduzir, buscando identificar o tipo e espécie de texto, de modo a escolher as estratégias de tradução mais adequadas.

Um fator interessante a ressaltar quanto à voz passiva e voz ativa é que, na língua inglesa, a voz passiva é utilizada com muito maior frequência do que na língua portuguesa. As construções passivas inglesas podem traduzir-se com uma construção impessoal. Existem mais preposições em inglês e, muitas delas, podem significar uma dupla intenção. A posição dos advérbios é diferente nas duas línguas.

A conclusão é que, ao desenvolver esse trabalho, além de estender minhas atenções quanto às traduções, também enriqueceu o meu vocabulário, tanto na língua-mãe portuguesa quanto na língua inglesa.

3. QUAIS OS ARGUMENTOS CENTRAIS DO TEXTO?

Smart analisa a experiência religiosa humana, abordando desde a natureza da religião, seus principais aspectos e tipos de fé existentes na história, especificamente direcionada às consideradas grandes religiões do mundo até induzir a proposta de considerar, a religião, possuidora de dimensões que a define. Seu objetivo é descrever os fenômenos da religião, buscando a compreensão desse fenômeno.

O autor afirma que é fundamental o entendimento das ideologias e crenças das nações, e compreender a religião para se chegar ao entendimento da história da humanidade. Quanto à religião, por ser um fenômeno complexo, considera-se seus significados internos e externos que são gerados pelos símbolos e, a religião não se limitando a esses significados, porém abrange-os mais profundamente, principalmente penetrando no sentido que é proporcionado aqueles que estiverem envolvidos.

As crenças existem de forma bastante variadas e possui importantes questões sobre suas verdades, por isso, defende que um fator importante é estar atento à forma de como apreender os fenômenos, os quais devem ser considerados objetivamente pelo estudioso, inclusive além do que é “publicamente observável”, mesmo que apresente dificuldades em seus conteúdos durante a observação, mas que devem proporcionar uma compreensão mais empática, sensível e artística.

A pesquisa de Smart alcança o espaço e o tempo analisando as relações entre religiões diferentes e, principalmente, a compreensão a partir do momento de sua criação, para isto, o componente histórico torna-se imprescindível, inclusive considerando sua origem.

É importante buscar entender os rivais da religião, em torno da história, para se chegar a uma descrição da experiência religiosa. No ocidente, o surgimento do Marxismo injetou uma rivalidade à religião tradicional. A verdade do marxismo se volta à explicação da realidade. Houve o crescimento do agnosticismo nos últimos cem anos e o Humanismo surge como uma proposta alternativa ao cristianismo.

Os dois movimentos, Marxismo e Humanismo cumpriram seus papéis desempenhados pela religião. Tanto um quanto o outro são opostos à religião, mas que dependendo da visão sobre a rejeição à religião e quanto aos papéis sociais e intelectual, podem apresentar diferentes aspectos, que Smart denomina de

dimensões da religião, pois dependendo da dimensão, será considerada uma definição. Devem ser consideradas as seguintes dimensões da religião:

Dimensão ritual: Está ligada à prática. Ritual geralmente está ligado à algo formal e elaborado. Religiões tendem a expressar-se através de rituais, mesmo em suas formas mais simples. O ritual é religioso quando há uma intencionalidade “religiosa” - que está ligado ao conceito que se tem como religião. Rituais envolvem aspectos internos e externos e seu significado não deve ser compreendido sem referência ao ambiente onde é realizado.

Dimensão mitológica: Está ligada à narrativa, à história, mesmo não sendo factual, mas se tratando de uma verdade religiosa. Os mitos, as histórias e as imagens os quais são simbolizados pelo mundo invisível, pode ser considerados de dimensão mitológica. O termo “mitológico” não deve ser utilizado para significar o que é “falso”, pois o termo “mito” refere-se ao que é histórico, um relato sobre o que foi dito e, além da história, também os eventos históricos que contém importância em um tradição religiosa, que também funcionam como um mito.

Dimensão doutrinal: relacionada à uma dimensão filosófica. Ela surge após a dimensão mitológica. É temporal, de verdade absoluta. Desta dimensão, criam-se novas narrativas ou novas leituras com construções ao longo da história. As doutrinas sistematizam a revelação através de uma linguagem mitológica e simbólica. Mitos e símbolos são usados para descrever as significações. As dimensões doutrinal pode se confundir com a mitológica, mas fazer a distinção entre elas torna-se importante para a apresentação da realidade das religiões.

Dimensão ética: Está relacionado com o comportamento. Ética diz respeito ao comportamento do indivíduo e a religião possui seu código de ética que mantém um controle sobre a comunidade, mesmo que certos indivíduos nem sempre vivam de acordo com as normas professadas ou não sendo, a ética, consideradas por toda a sociedade. Entretanto, religiões possuem certa influência na moldagem ética das sociedades. Deve-se fazer distinção entre os ensinamentos éticos de uma determinada fé e os efeitos sociológicos de uma religião.

Dimensão social: Ligado à instituições, em prática, para que ocorram as doutrinas. Além do sistema de crenças, as religiões são organizações e possuem significados comum e social. O significado social é determinado pelas ideias e práticas religiosas e éticas que possuem, indicando a maneira de como os homens vivem, como são moldados e pela forma a qual as instituições religiosas operam. Também é fundamental distinguir a dimensão ética da dimensão social. No caso de ter uma dimensão social, trata-se do modo como a religião é institucionalizada afetando a comunidade em que se encontra, diferente das outras dimensões – doutrinária, mitológica e ética - quando expressam a natureza do mundo invisível de como a vida humana deveria ser.

Dimensão experiencial: A experiência é significativa para o sentido do indivíduo. Os homens vivem na esperança de manter um contato com o mundo invisível. A religião envolve essa esperança com a espera da realização dessa experiência, principalmente através dos rituais e, assim, a dimensão experiencial do ser humano é proporcionada pelo envolvimento da religião já que esta, tem um significado pessoal por moldarem tal experiência. As experiências religiosas podem apresentar dificuldades na sua descrição, pois dependem de testemunhos ou relatórios, sejam escritos ou orais. Em muitos casos na história, experiências místicas foram preservadas pelas tradições até chegarem ao ponto de serem escritas, já que, em alguns casos, não possuíam a arte da escrita, enquanto em outros casos não, o que pode significar que tais experiências podem ter ocorridas em contextos religiosos já existentes, o que presume-se já existindo uma doutrina, entretanto as interpretações são de experiências em termos doutrinários e mitológicas e, por isso, a dificuldade de saber sobre determinadas informações. A questão pode ser superada através das comparações dos relatos de diferentes culturas. Há uma dialética entre a experiência e a doutrina e, essa interação, pode ajudar a compreensão das características da religião pessoal de uma forma mais simples. Para Smart, essa dimensão se torna a mais fundamental e interessante para o entendimento de todas as outras dimensões para fins de análises e estudos.

A importância de uma experiência religiosa encontra críticas, principalmente porque revelações são encontradas por meio de escrituras que, presumidamente, são garantidas pelo divino. Entretanto, os fatos devem ser descritos de forma científica, mas também considerando a abordagem religiosa das escrituras, pois não há dúvidas que as informações são essenciais para, também, descrever as experiências e ensinamentos da narrativa, tanto religiosas quanto históricas e, também, por haver discordâncias entre estudiosos no assunto que, a partir do diálogo e da argumentação, novas ideias são produzidas. Torna-se interessante que todas as escrituras existentes devam ser tratadas da mesma forma, lembrando que seus conteúdos possuem importante aspecto nas dimensões doutrinárias e mitológicas da religião abordada. Ou seja, a revelação deve ser tratada como “não-proposicional”, já que as revelações podem ocorrer tanto por meio das experiências internas dos

indivíduos quanto externamente através dos eventos históricos. Quando algo que é revelado na história é considerado, deve levar em conta que ocorreu dentro de uma experiência humana.

A palavra “experiência” apresenta uma ambiguidade pois envolve um tipo de “percepção” do mundo invisível ou, também, pode envolver uma percepção de que alguma pessoa ou coisa visível seja uma manifestação do mundo invisível; Muitas vezes, torna-se difícil separar as dimensões doutrinárias e mitológicas da religião, mas leva-se em consideração que o mitológico apresenta-se mais simbólico e histórico o que sempre traz algo a respeito do mundo invisível, e podem ser tanto históricos quanto *não-históricos*.

Um outro aspecto a ser considerado, por Smart, é que assim como existe aquilo que se passa pelo consciente humano, também existem o processo inconsciente e padrões característicos da atividade mental sem sempre se apresentam como óbvias para a consciência humana e, essa relevância, torna-se fundamental para futuros esclarecimentos sobre aspectos mitológicos. Dimensões mitológicas, às vezes, são moldadas por fatores “inconscientes”. A “percepção” pode ser verdadeira ou falsa. Ela pode ser explicada, mas nunca conclusiva, porém mostram questões filosóficas a serem levantadas. Por isso descrever e analisar os fatos da religião, com sabedoria, é fundamental antes de qualquer julgamento.

Smart colocou a religião como um organismo contendo seis dimensões para entender a religião. Compreender as ideias e os rituais que se dirigem às crenças exige atenção para que haja compreensão da experiência religiosa de um indivíduo. Os estudos comparativos exigem cuidado, pois cada religião possui o seu estilo próprio e sua dinâmica interna. Com isso, também possuem seus significados, que são especiais e sua singularidade. Por isso, deve ser entendida em termos de inter-relação de suas diferentes partes, inclusive quando elementos de um organismo religioso são afetados por outros elementos que podem estar presentes.

A religião deve ser vista por dentro, levando em conta a multiplicidade da vida religiosa do ser humano. Nesse caso, levando em consideração as religiões e, não apenas a religião, pois fazem parte de uma perspectiva história da humanidade.

REFERENCIAS

SMART, Niniam. A experiência religiosa da humanidade.

Título original: *The religious experience of Mankind*. Nova Iorque: Fount Paperbacks, 1981.